

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

MAIS UM ANNO, por Teixeira de Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *que falta fazem os frades?* por D. Felix Sardá y Salvany. — SECÇÃO LITTERARIA: *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas (conclusão) — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA *A Roma!* pelo padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Critica á critica*; *Flores do Exilio*, por F. de Guimarães. RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 15 DE OUTUBRO

MAIS UM ANNO!

Completa hoje, com o presente numero, o 2.º anno da sua publicação o *Progresso Catholico*. Chegados ao termo da segunda viagem é dever nosso parar e fitar o caminho percorrido, para agradecer a Deus o dar-nos forças para chegar até aqui, e agradecer tambem aos nossos sollicitos correspondentes e mais pessoas, verdadeiramente dedicados á causa que representamos, que tanto tem concorrido para esconder entre flôres os abrolhos que nascem no caminho trilhado pelo jornalista catholico em Portugal.

E é do fundo de alma que agradecemos tantos serviços, porque, se elles não fossem, como poderíamos nós, tão debeis, sustentar erguida a bandeira do *Progresso Catholico*, quando tão contrarios são os ventos que de todas as partes a castigam? E, sós, como poderíamos conseguir que ella, a bandeira do *Progresso Catholico* se desfraldasse no meio do arruido das grandes cidades, entre a paz e o quic-

tismo das pequenas povoações, e o silencio poetico da mais humilde freguezia de aldeia? Como poderíamos nós, sem o auxilio das pessoas que nas diversas localidades do paiz socundam os nossos esforços, introduzir o nosso humilde periodico no gabinete perfumado da dama elegante; expô-lo na banca do homem de letras; espalhar-o profusamente entre a mocidade esperançosa que estuda na Universidade, nos lyceus, nos seminarios e collegios; distribuil-o pelas lojas do commerciante, pela officina do artista; leval-o ás ithas adjacentes, ás provincias ultramarinas, e a toda a parte onde se fallo a lingua patria? Oh! tarefa seria para nós impossivel! e é por isso que nós mais agradecemos aos cavalheiros que nos ajudam n'esta grande empreza; é por isso que a maior gloria vos cabe a vós, denodados campeões do catholicismo, soldados aguerridos da fé espalhados p r todo o paiz, mas agrupados em torno da bandeira que ha dois annos hasteáramos no campo da imprensa jornalística.

Ao terminar o segundo anno não temos a consciencia da accusar-nos uma só falta no cumprimento do programma prometido.

Principiamos, é certo, um novo melhoramento, que não cumprimos até final: dar na folha solta um folhetim. O não cumprimento foi motivado por uma grande parte dos nossos assignantes nos ponderarem que a *folha solta* lhe chegava ás mãos em estado de se não poder encadernar, e que por isso melhor era introduzir qualquer melhoramento no jornal. Atendemos, como era dever nosso, a taes ponderações, e vamos, ao entrar o 3.º anno melhorar quanto possivel a nossa folha.

(grande é o desejo que temos de

publicar o *Progresso Catholico* em folha de 16 paginas a fóra a capa; mas isso depende dos nossos assignantes, se, satisfazendo ao nosso pedido, nos enviamos com a sua, uma nova assignatura. E depois, dado este passo gigantesco ficamos preparados para outro que mais avulte ainda.

Com este n.º distribuimos a folha do rosto, indice e capa para brochura, a todos os snrs. assignantes.

Para concluir n'este volume o romance a *Cigana*, que não ficaria bem deixar para o seguinte volume, damos mais do que deveramos dar, suprimindo algumas secções costumadas. No proximo numero daremos principio a um formoso romance, cuja tradução está confiada ao nosso amigo Padre Lima, e que muito deve agradar a todos os leitores. Tem por titulo VICTOR, OU ROMA NOS PRIMEIROS SECULOS DA EGREJA.

Não findaremos sem pedir a todos os snrs. assignantes mil desculpas de qualquer falta por nós commettida durante o anno findo, assim como o agradecer a todos os cavalheiros que illustraram com seus escriptos o volume que hoje termina.

Agora, resta-nos pedir a Deus novas forças para a batalha que vae principiar e preparar para ella as mais bem temperadas armas que nos offeceram os collaboradores do *Progresso Catholico*.

O 1.º numero do 3.º anno que, com a ajuda de Deus, sahirá no dia 30 do corrente, será distribuido a todos os snrs. assignantes que o foram do 2.º, excepto a QUATRO que antecipadamente suspenderam a assignatura, pois abrigamos a certeza de que nem um só o rocambiará, e n'este caso, todos ficarão considerados como assignantes, o que desde já agradecemos, assim como o não demorem

a respectiva importancia; porque é com ella que nós occorremos ás muitas despesas que demanda uma tal publicação. E depois, o preço da assinatura é tão modico, que a ninguém pôdo ser pesada uma tal assignatura.

TEINEIRA DE FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Que falta fazem os frades?

V

Não haverá por certo pessoa alguma que deixo de concordar em que todos os frades que hajain conhecido, foram feitos da maneira que acabamos de indicar. O frado são do entre nós, das nossas cidades e aldeias; não é fera trazida do afastados desertos, nem do fundo de subterraneos cavernaes; é um joven como os outros jovens, filiado em uma milicia identica ás demais milicias, com um modo de viver publico, legal e nada extranho, com um fim de todos conhecido, licito e honrado como o que mais honrado é, se o não quizermos julgar superior.

A que veem, pois, as previsões? Porque tantas desconfianças? Para que esse odio feroz e ridiculo?

Escutae-me, preoccupado leitor?

Só o mancebo em questão, em vez de se sentir arrastado por elevados sentimentos, para a soledade, para a abnegação, para o amor pelos seus semelhantes, fosse levado a seguir um caminho opposto; se tivesse seguido o declive escorregadio que leva ao gozo de todos os prazeres, sem olhar ao pouco licito e honesto de suas acções; se a ambição das riquezas o levasse a tudo atropelar, tudo esquecer para alcançar uma boa fortuna, ou se anhelando honras, se houvesse servido de ti, fazendo-te pedestal onde se elevasse; se ambicionando prazeres, pozesse a seu serviço a crapula, a leviandade, sem respeitar a honra propria, nem a alheia; se tivesse obrado, finalmente, como miliares d'elles que a teu lado blasonam por essas ruas e praças, oh! povo;

nescio! povo insensato! tudo então lhe perdoarias, tudo lhe tolerarias, escutando-o com os poucos annos, e sem reparos nem escrúpulos conversarias com elle amigavelmente, indignando-te com alguém que tivesse a ousadia de dizer que um tal extravagante e pedante não merecia ser admittido entre pessoas *decentis*. Não se dá, porém, este caso. O frade não joga, não trapaccia, não é ambicioso, não é seductor, não altera a paz de tua casa, não corrompe a innocencia de tuas filhas, nem leva por maus caminhos teus filhos inespertos; tem apenas a tonteria de dedicar-se ao aperfeiçoamento de sua alma, a needade de se engolfar em pesados estudos, a perversa intensão de morrer amanhã ás mãos dos antropóphagos em uma ilha barbara, ou victima da peste em um hospital; só tem o mau gesto de não possuir jámais um vintem de que possa dispôr a seu bel-prazer, nem um dia livre em que possa ser senhor da sua vontade. Vel-o-heis cansado, banhado de suor, atarefado em difundir boas maximas, em illustrar intelligencias, fazer bons corações, consolar amarguras, desvanecer receios, enxugar lagrimas; raro o encontrareis nos lugares onde campeia a alegria, o prazer, e nunca nos sitios da diversão; mas encontral-o-heis sempre junto ao cadafalso, em meio dos carcereiros e dos hospitaes, e n'aquella triste alcova, onde entre estrotores exhalam seu ultimo alento tua mãe, teu filho ou tua irmã... E' para isto que teve a infeliz ideia de se associar com alguns amigos seus, possuidores de iguaes sentimentos, em um local que se chama *convento*, e a não menos extravagante de se vestir com um traje aspero e pouco elegante que se chama *habito*, o de chamar-se com um nome que hoje em dia sôa para ti como o de cousa ascorosa e de má reputação, o nome de *frade*!

E é por isso que tú, ó povo, o maldizes, o persegues, o assassinas, como o adolarias e rodearias de attenção se elle fosse o contrario. Eis aqui a tua justiça, a tua iniquidade, povo alucinado! E' este o frade a que to ensinam a aborrecer; e a quem tu, nescio! tuas na tonteria de aborrecer

sem procurar conhecê-lo! Aqui te deixo o seu retrato. *Ecce homo!* Eis aqui o frade!

(Continúa)

D. FELIX SARDÀ Y SALVANI.

SECÇÃO LITTERARIA

A CIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

(Conclusão)

— Durante todo o dia da minha fugida de Paris, caminhamos sempre com uma rapidez espantosa. Julia dormia em meus braços, em quanto Roberto, como era maior que ella, distrahia-se admirando os varios accidentes do caminho.

Só ás nove horas da noite é que paremos n'uma hospedaria onde chegamos, e onde pedi um quarto. Deitei minha filha em uma das camas, que haviam no aposento que me deram, e deitei-me eu em outra, depois de ter deitado na mesma Roberto. As fadigas da jornada, não tardaram em me lançar n'um somno profundo de que despertei ao ruido que fazias muitas vozes na minha habitação.

Levantei-me, accendi uma vela e tomei duas pistolas que havia deixado sobre uma meza. De nada poderam servir-me as armas, porque quatro homens mascarados, seguraram-me, prenderam-me ao leito, em quanto outros fugiam com Roberto.

Por muito tempo me esforcei inutilmente para me desprender, conseguindo só depois de muito trabalho quebrar as fortes ligaduras com que me prenderam. Uma vez solto, o sem me lembrar de minha filha Julia, vesti-me apressadamente, desci ás cavalharias da casa, onde encontrei um cavallo, que a todo o correr me levou, sem eu saber por onde, em procura de meu filho.

Corri toda a noite e parto do dia seguinte sem nada conseguir. Voltei á hospedaria, pensando em Julia e em seu pobre irmão. O meu primeiro cuidado foi ir ao meu quarto; mas ao chegar abí uma nova dor veio des-

pedaçar-me o coração: Julia havia tambem desaparecido!

O conde interrompeu-se para abraçar seus filhos, em quando a condessa enxugava as lagrimas, que em abundancia acudiam a seus olhos. Depois continuou:

—Chamei o dono da hospedaria a quem queria culpar nas desgraças que me affligiam. Não sei o que lhe pedi nem o que lhe disse; sei apenas que cahi sem sentidos.

Quando, depois de muitos dias preza d'um ataque cerebral, pude conhecer o meu estado, achei-me n'um quarto baixo, humido, pequeno, e onde só penetrava a luz que deixava entrar a porta ao abrir-se. Em resposta ás interrogações que fiz a um criado, soube que estava alli por caridade, por isso que se havia gasto o dinheiro que eu tinha na algibeira.

Levantei-me, e vi que ainda me restavam algumas moedas escondidas no forro do colete. Abandonei em seguida aquella casa maldita onde perderei meus filhos, e respirei livremente logo que me achei no campo.

Ah, meu Deus! — exclamei ao verme em liberdade, e cahindo de joelhos sobre a humida relva — eu vos faço um voto de não dizer o meu nome a pessoa alguma enquanto não encontrar meus filhos. Já mais deixarei o habito de peregrino, que vou vestir, enquanto os não entregar a sua mãe, a quem os roubei. Precorrerei toda a extensão da terra, se tanto fôr do vosso agrado, e farei essa perigrinação mendigando e soffrendo todas as penas, em satisfação do mau delicto.

Na primeira povoação comprei um habito de peregrino, e segui caminho de Roma, onde me confessei ao Papa, do roubo de meus filhos, e a quem repeti o voto que havia feito e dando todo o dinheiro que ainda me restava, deixei Roma e percorri duas vezes a França e uma a Hespanha, sempre a pé, e comendo o pão da caridade.

Não podia crer que meus filhos estivessem em companhia de sua mãe, e me horrorisava a ideia de me apresentar ante ella sem os levar; porém o desejo de saber d'ella arrastou-me aos sitios onde eu fôra rico e feliz. Antonia já ali não estava, e á custa de muito trabalho pude saber que uma senhora havia sahido da Provença, ha uns cinco annos, em companhia d'um menino que teria quando muito dez, e que se dirigiram para Hespanha.

Um pezo enorme me sahiu então de sobre o coração. Continuei o meu peregrinar; mas uma nova enfermi-

dade me teve entre a vida e a morte deitado n'uma miseravel cabana.

Apenas me pude ter em pé, despedi-me dos meus caritativos hospedeiros e voltei á Hespanha; a fome e o cansaço fizeram-me cahir ás portas d'esta casa, onde de certo morreria se meu querido filho não *desse pouzada ao peregrino.*

Callára-se o conde, e a condessa, depois de passada a primeira commoção, causada pela narrativa de seu marido, referiu como fôra ella que ordenara o rapto de seu filho, os pezares que depois soffrera, os remorsos que continuamente a martyrisavam pela perda de sua filha e de seu marido, e como ao vêr o castello que sua familia havia habitado, debuxado por seu filho, perlera os sentidos, sendo preza depois d'um desesperado abatimento.

Tomou depois a palavra a marheza, fallando d'este modo:

—Regressava eu d'uma viagem a França, quando foi accionettida a minha carruagem por uma partida de salteadores, que depois d'uma lucta renhida, mataram o meu postilhão e creados.

Um dos malvados foragidos, em face da minha teimosia em não lhe dar uma medalha guarnecida de brilhantes, com o retrato de meu defuncto marido, que trazia pendente ao collo, disparou uma pistola, que chegou a ferir minha filha adormecida em meus braços. A carruagem ficou inteiramente despedaçada, e eu, minha filha e a minha creada permanecemos muito tempo desmaiadas entre os escombros da carruagem, e cadaveres dos meus creados.

Ao despertar do meu lethargo achei-me n'uma casa de campo e em companhia de uma boa mulher que me informara de como me salvara o á minha creada do meio da estrada real

—E minha filha? — perguntei com a anciedade com que o pode fazer uma mãe. Onde está minha filha?

—Não a vi, senhora, — me respondeu. Era creança ainda?

—Tinha apenas quatro annos!

—Não vi na estrada menina alguma, — respondeu — só se encontraram os corpos inanimados de v. exc.^a e da creada, entre os cadaveres do postilhão e do lacaio. O mesmo que fizera o conde fiz eu tambem: levantei-me e fiz que Joanna me vestisse rapidamente. Felizmente, erão honradas as pessoas em casa de quem me achava, pois não tiveram a lembrança de se apoderar do dinheiro contido na minha carteira. Pude mandar á estação de postas mais proxima buscar cavallos para ir procurar minha filha; mas quando elles chegaram já

eu havia modado de resolução: pareceu-me mais acertado não abandonar o sitio onde me achava, e percorrer de alli todas as vizinhanças em procura de Valeria. Com esta ideia sahi com a cabeça perdida, só, a pé, resolvida a prescrutar todas as casas, todos os campos e a propria sombra das arvores a ver se encontraria a filha perdida.

Decorrido havia muita do hora o meia desde que eu andava por entre os campos desertos, louca inquirindo todos os cantos, e chamando em altos gritos por minha filha, quando diviseis a distancia uma menina que caminhava para mim. Ao principio me pareceu Valeria e o meu coração palpitou de alegria; mas á medida que ella de mim se aproximava, as minhas esperanças hiam-se pouco e pouco desvanecendo, porque cada vez me parecia mais alta. Já perto de mim pude então ver que em nada se parecia com a minha Valeria, por que os louros cabellos que lhe fluctuavam á mercê das brizas campestres, e a fina e alva cutis de suas faces contrastavam assás com as tranças negras e a cor morena de minha filha.

—Senhora, — disse ella ao aproximar-se, — não viu por aqui meu pae e Roberto? Deixaram-me só n'uma casa beu longo de aqui, e eu não os vendo voltar, resolvi-me sair para os procurar

—Quereis vir comigo, e ambas os procuraremos? — lhe perguntei — Eu tambem ando em procura de minha filha que me ha desaparecido, e vós sereis a que occupareis o seu lugar, em quanto ella não apparecer

A menina abraçou-me e desde então tem permanecido a meu lado, por que foi em vão tudo quanto fiz para encontrar a sua familia e minha filha. Depois de seis mezes de permanencia n'aquella terra, voltamos a Madrid onde lhe dei uma boa educação, que o seu bom genio contribuiu a fazer melhor ainda. Ainda não vi um caracter tão angelico como o seu, nem uma sensibilidade tão esquisita, o que me dá a certeza de que ella fará a felicidade de seus paes.

Quando a marheza findou a sua narração, a mãe de Julia abraçou-a com ternura, mostrando assim o quanto lhe agradecia tudo que fizera por sua filha.

—Agora, Valeria minha, — disse a marheza — diz-nos como cahiste em poder dos ciganos, que de certo te roubaram do sitio onde se quebrara a nossa carruagem.

—Eu de nada me recordo, — respondeu Valeria, que parecia submersa na sua continua abstracção.

—Não te recordas do dia em que a Violante te roubou de ao pé de mim?

—Ah, sim! — respondeu a menina, como se despertára d'um sonho profundo. — Lembra-me que chorava muito por ver que não deixava de dormir, quando passaram os ciganos, e a Violante me tomou em seu braços.

—E onde te levou depois?

—Muito longe!

—Muito longe? Não podes recordar-te do sitio? — perguntou a condessa a quem a criança parecia ter um particular affecto.

Oh sim! a vós senhora, contarei tudo! Levaram-me ao cimo d'um monte muito alto, e ali me deixaram em companhia de muitos rapazes com quem eu corria por entre as flores, o com quem comia pão e queijo. Depois é que a Violante me ensinou a tocar guitarra ao som da qual, eu, quando fui grande, cantava em meio das ruas, colhendo depois algumas moedas.

—Oh meu Deus! minha filha reduzida a essa vida vergonhosa de vagabunda!

—Depois, — proceguiu Valeria — principiou de bater-me muito porque eu ganhava pouco dinheiro; um dia tanto me bateu que eu pude fugir, correndo em quanto tive forças. Ao fim de dois dias de caminho cheguei aqui, com muita fome, onde fui recolhida pelo senhor d'esta casa.

—É verdade — respondeu o conde — a ambos nos deu asylo meu filho, e a sua caridade restituiu o pae a seus filhos e duas filhas a suas mães.

—É porque te chamavam Edmunda?

Valeria encolheu os hombros.

—Senhora, a carruagem espera-vos — disse Joanna, a camareira da marquezia, apparecendo á porta da salla.

A marquezia levantou-se, e com voz commovida disse, arrojando-se nos braços de D. Antonia:

—Adeus, amiga minha, jámais poderei olvidar o que meu coração vos deve: vou a Madrid onde espero nos encontrarmos muito em breve; no entanto, eu e minha filha pensaremos em vós constantemente.

Genoveva abraçou depois Julia e Roberto, em quanto sua filha, como se nada do que se passava comprehendesse, permanecia muda e quèda.

Depois, sem reparar em que Valeria de pessoa alguma se despedira, quiz tomar-lhe da mão para a levar; mas ella, a pobre Valeria, segurando-se em um dos braços da cadeira, oppoz uma resistencia desesperada.

—Não! — gritou ella — eu não quero sahir d'aquí, porque aqui ha céu, sol, ar e passarinhos, o que me fará recordar o sitio onde vivia com os ciganos. Quero ficar aqui!

A mais formosa côr do purpura tingiu suas faces; nas extremidades da bocca appareceram uns raios de sangue, e a desditosa creança cahiu desmaiada nos braços de sua mão.

Saia, saia, — disse o medico — é preciso aproveitar este momento, porque se volta a si, não será possível, não consentirá em deixar esta casa.

—Ah doutor! porque contrariar esta pobre creatura? — exclamou a condessa — porque não entrecede com sua mãe, para que permaneçam em nossa companhia algum tempo mais?

—Porque esta menina morrerá antes d'um mez, e tanto v. ex.ª, como seu esposo e filhos muito devem sentir essa morte.

—Oh, meu Deus! assim está mal!

—Está perigosissima.

—É essa mais uma razão para que eu não abandone sua mãe n'estes dias d'angustia, que tanto ha feito por minha filha; doutor, mando desengatar os cavalloos.

—Senhora, pense bem no que faz.

—Que desengatem, — repetiu — e oxalá me fôra dado, á custa d'uma parte da minha vida, salvar a d'esta infeliz creatura.

XV

Alguns dia depois, no grande caramanchão do jardim onde ao principiar esta historia vimos Roberto, entretido a debuxar em uma formosa tarde, tinha lugar um espectáculo esplendidamente bello sem deixar de ser, ao mesmo tempo, triste.

Em um dos angulos, e sob um doce, formado de rozas, cravelinas e açucenas, havia um leito de aço brunido, coberto e velado por cortinas de gaze branco, prezas nos lados com laços de fita côr de roza.

N'este leito, descansava, ou antes, morria, Valeria de Valdeflores.

Um grande ramo de camelias, e *passionarias* estava seguro a um dos lados do leito, e n'elle, cravava a enferma de espaço a espaço com ternas expressões de carinho e gratidão, os olhos meio amortecidos.

Os calores do mez de junho tinham feito cobrir de verdura e flôres as paredes d'aquelle rustico aposento, amontoando por todos os lados a ramagem dos jasmims, madre-silva e outras muitas trepadeiras.

Dir-se-lia que a natureza vestia suas mais bellas galas, para solemnizar a despedida d'este mundo, d'aquelle alma purissima, que em breve iria voar ao seio de Deus.

Porque haviam collocado alli, em pleno jardim, o leito murtuario de Valeria?

Ai! porque olla, a infeliz creança

quiz ter até ao ultimo instante o aroma das flôres, formoso e azulado ceo, espaçosos horisontes, dourados raios do sol!

Pobre passarinho que não pode viver em sua dourada jaula, o que só anciava voar ao céu!

De noite, para libral-a do relento, era trasladada para o seu aposento, mais para não apressar o instante da sua morte, que pela esperanza de dilatar-lhe os dias de vida.

Apenas, porém, os passarinhos, alegres moradores do jardim, saudavam com seus trinados alegres, a appareção da aurora, Valeria rogava encarecidamente que a levassem ao seu leito do jardim, porque alli, entre aquellas paredes, se sentia suffocar, morrer!

O caracter de Valeria havia mudado muito, isto é, havia voltado a ser o que era, na occasião em que apparecera ás portas da quinta dos condes de Hoursaye. Era agora tambem docil, suave, poetico, elevado. Sua amiga Julia, que d'ella se não apartava, havia-lhe ensinado algumas orações á Virgem, mais do que as que ella já sabia, e a fazia repetir, assim como a Roberto, a historia do Salvador do mundo, seu martyrio e sua morte. Sua mãe, com um valor verdadeiramente heroico, quiz dulcificar-lhe as ultimas horas da vida, e abrir-lhe os formosos horisontes da nossa santa religião, fallando-lhe de seus mysterios e grandezas, sentada junto ao leito. E assim passava horas e horas, fallando com sua filha, que a escutava com prazer, entornando n'aquelle alma pura e virginal a semente do christianismo, e fazendo crescer a formosa ramagem da arvore da fé.

Valeria amava já sua mãe com entranhada ternura: alegrava-se sempre que a via chegar junto do leito, e erguia-se quando podia para vel a melhor, para escutal-a com mais attenção. E este sentimento ao apoderar-se d'aquelle coração, fizera abrandal-o para todos os demais affectos; seus formosos olhos procuravam constantemente a condessa, o conde e seus filhos; mas quando se encontravam com os de Roberto, empanava os uma tristeza profunda, e não raras vezes as lagrimas os inundavam. Roberto permanecia longas horas sentado ao lado d'aquelle leito, com a vista perdida n'aquelle espaço, como para furtar-se de vêr as dores soffridas por aquella menina, e como que, a seu pezar, fosse para alli arrastado.

N'aquelle tarde estava junto do leito toda a familia: o conde fallava de geographia com sua filha, em quanto a condessa, seu filho e a mãe de Valeria permaneciam mais junto do leito,

contemplando o semblante da formosa enferma, que estava animado e cheio de belleza.

Em seus olhos radiava uma ternura indiscriptível, cobria suas faces um bello sonrosado, e seus labios, abrindo-se para soltarem um sorriso, deixavam a descoberto um fio de miudas perolas.

—Senhora.—disse ella, tomando a mão da condessa—senhora, vou morrer, sinto que vou morrer!

—Quem pensa aqui em morrer, querida filha minha?— respondeu a mãe de Roberto, fazendo por esconder sob um sorriso, a dor que em suas feições se divisava.

—Eu, senhora, conheço que vou morrer, e muito estranho que vós, a quem eu curei com as *pasionarias*, me não cureis, empregando o mesmo remedio

A marquezia deixára escapar um profundo suspiro, porque sua filha voltava a cahir em seus costumados desvarios, e o doutor havia dito que isto era um signal de desesperação.

—Não te puz eu ahí *pasionarias*?— respondeu a condessa mostrando a Valeria o ramo que estava seguro ao leito.

—Ai, essas não são como as minhas!

—Foram cortadas, minha filha, da mesma planta.

—Não, não pôde ser! respondeu Valeria agitando tristemente a cabeça—Não, essas não são como as minhas!

—Porque, minha filha?

—Porque aquellas te sararam, e estas não me saram a mim.

—Hoje não,— disse a mãe,— mas amanhã, quem sabe?

—Esta noite, quando a lua tenha apparecido no azul do céu, terá minha alma chegado ao seio de Deus—disse Valeria com apagada voz, para que não fosse escutada por sua mãe.

A condessa queria mostrar que não ouvira as ultimas palavras da Valeria, para encobrir o pranto que lhe inundava as faces; mas Roberto ao escutal-as estremeceu, e uma livida pallidez cobriu suas bellas feições.

Que se passaria no coração do adolescente?

Amava Valeria, e aquelle amor tão puro, tão casto, tão ignorante de si mesmo, como o que Paulo dedicava a Virginia, havia creado bem profundas raizes em seu coração.

Valeria do Val-de-Flores e Roberto do Hoursaye, podiam, dentro em poucos annos, ser dois esposos felizes, por isso que os seus nascimentos e fortunas os aproximavam assaz um do outro; Deus, porém, havia destinado outra coisa, chamando para junto de

si a Valeria, antes que perde-se a angelical innocencia da meninice.

Valeria, depois das anteriores palavras, fechou os olhos, e quedou-se adormecida; porém á medida que o sol declinava para o occidente, a pouco e pouco se apagava o fogo que lhe ardia nas faces, tornando-se pallido o seu semblante, tão pallido, tão desbotado como as folhas das açucenas que se baloiçavam sobre sua cabeça.

Uma carroagem que parára junto ás grades do jardim fez estremeecer todos os corações; era o medico que voltava da cidade, onde o chamaram suas occupações, depois de muitos dias que não abandonara aquella casa.

Entrando no jardim dirigiu-se logo ao caramanchão, e sem cumprimentar pessoa alguma só parou junto ao leito da enferma; tanta era a sua anciedade, a sua preocupação.

Tomou a mãosinha da joven, e observou-lhe attentamente o pulso, e ao fazel-o a ampla fronte contrahiu-se-lhe violentamente.

—Que ha?—perguntou o conde, conduzindo-o a um lado.

—Não ha esperanza!— respondeu o medico com desalento.

—Nenhuma?

—Nem a mais pequena.

—Pobre mãe!—murmurou o conde, fixando a mãe de Valeria que mais se parecia uma estatua da tristeza.

—Já se confessou?—perguntou o medico.

—Esta manhã recebeu os santos sacramentos com grande fervor e ternura

—Está preparada a santa Unção?

—A Unção! assim é grande o perigo?—perguntou o conde ao mesmo tempo que uma pallidez mortal lhe cobria o semblante.

—Tão grande, que já está agonizando. Que monto agora mesmo um creado a cavallo, e que vá chamar um sacerdote; dentro em meia hora pôde estar aqui.

O conde sahio, voltando logo depois, ao mesmo tempo que se ouvia o galopar d'um cavallo.

Valeria havia sahido do seu estado de somnolencia e se havia sentado no leito; entre as suas segura as mãos de sua mãe e de Roberto, a quem olhava com intensidade

—Sinto-me morrer, minha mãe...

—disse como que só esta idéa imperasse em seu espirito. Olhe a lua que appareço alli, por traz d'aquellas arvores; será ella que recolha meu ultimo alento... Ah, se eu pudesse viver mais tempo, como vos faria feliz!

A marquezia nada respondeu, porque o pranto lhe embargou a voz

—Não choreis assim, minha mãe—proseguiu Valeria—eu vou além, lá a cima vêr a Jesus e á Virgem Maria

Uma carruagem parou ás grades, e um sacerdote entrou no jardim e ministrou á enferma o ultimo sacramento.

E Valeria, deixando-se cahir nas almofadas, exanime de fadiga, murmurou estas palavras:

—Julia... senhora... sr. conde... adeus!... adeus... minha mãe... adeus!

Depois voltando se para Roberto, tomou-lhe as mãos e fectou-o com afan, mostrando-lhe depois o céu com um gesto solemne, ao mesmo tempo que lhe dizia ao ouvido:

—Colloca alguma vez uma *pasionaria* sobre a minha sepultura, e reza, reza por mim que eu te espero no céu.

Estas palavras foram ditas com accento grave e seguro; e, como se só para dizel-as tivera forças, cahiu segunda vez sobre as almofadas para não mais se levantar.

Depois cerrou os olhos, e cantou com debil e apagada voz:

«Yo naci de la union misteriosa
del aura y la flor:
y me duermo tranquila e dichosa
com sueños de amor.

No floreis y ceñidme de flores
la cándida sien;
esses dulces alados cantores
me amaban tambien.

A los cielos el alma inocente
com ollos se vá:
mas mi sombra tranquilla y riente,
aqui quedará.

Calou-se a donzella, e deixou escapar logo após um debil suspiro. Depois abriu de novo os olhos, dirigiu a Roberto uma ultima e suprema vista, e tornou a cerral-os para não mais os abrir.

Valeria do Val-de-Flores era já diante de seu amado Jesus, que de certo cingiria sua fronte com a dobrada corôa de anjo e martyr, porque sua vida havia sido tão infeliz quão santa sua morte.

São passados nove annos. Em um cemiterio, que o viajante encontra em caminho de França, junto da fronteira hespanhola, oravam um dia duas pessoas, ajoelhadas ante um mausoleu de marmore branco, rodeado de flores, e com esta inscripção:

VALERIA DE VAL-DE-FLORES

Estas duas pessoas eram uma irmã de caridade, e um joven sacerdote destinado ás missões de Africa.

Eram a marquezia e Roberto.

O joven não havia tido na terra outro amor que o d'aquella estranha e encantadora menina que dormia ali o somno eterno, o cuja alma o esperava no ceo.

Beijaram ambos aquella singella sepultura, que regaram com lagrimas, e sahiram para se embarcarem em demanda de terra onde cumprir sua santa missão.

FIN.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A Roma!

(ENBOÇOS E NARRATIVAS DE VIAGEM)

Pelo Padre Martins Capella

Subordinado a esta epigraphic, acaba o sr. Padre Martins Capella de publicar um livro interessante, contendo esboços e narrativas da sua viagem a Roma, a cidade que a Providencia destinou para ser o centro da unidade catholica, o deposito da tradição christa, a cadeira da doutrina infallivel, a cidade eterna.

E' cousa incontestavel como principio, e incontestada de facto, a superioridade de Roma a todas as cidades do mundo, pelo seu destino providencial: é uma verdade que todos aceitam francamente e que se pode expor sem controversia.

Não é só o catholico que reconhece a supremacia da cidade do Tibre; os mesmos judeus, pagãos e sophistas a confessam, se bem que explicando-a cada um a seu modo.

O simples nome de Roma basta para fazer nascer em todos uma infinidade de ideias grandes e de magestade. Todos os pensamentos sublimes que a imaginação pode crear, todas as sérias de reflexões que pôde suscitar a razão, todas as memorias augustas que a virtude e a humanidade podem fazer nascer, occorrem e horbulham associadamente na alma do homem pensador, com a simples ideia de Roma, cidade mysteriosa, senhora do universo.

O viajante a Roma, que alli vai preocupado exclusivamente com as recordações do paganismo, procurará a cidade de Romulo, o *forum*, o palacio, o amphitheatro, o capitolio, etc.; comtudo o viajante christão considera Roma sob outro aspecto, como metropole da religião, rainha da fé, mãe da sabedoria, patria da sciencia; porque Roma é a cidade dos Pontífices, que reina pela intelligencia e civilisação.

O viajante christão a Roma não esquece as recordações que lhe fornece a historia pagã, e não deixa de admirar as ruinas dos antigos monumentos, toda a grandeza do povo-rei; mas prefere os mo-

numentos christãos que attestam a victoria do Christianismo, as maravilhas da Roma de S. Pedro, aonde permanece a sua Cadeira immortal.

O sr. Martins Capella fez uma viagem a Roma para ver o Papa: eis o fim principal da sua peregrinação a cidade por excellencia. O seu livro é a narração do que viu com seus olhos durante a viagem e a sua demora em Roma.

Não tomou a viagem á capital do catholicismo como um passeio mundano, como succede a grande numero; ou como o sectario de Mahomet que vai em peregrinação a Meca. Muito differente foi o espirito do sr. Martins Capella.

Não vai alli admirar e recordar somente, como tantos outros, as glórias dos antigos romanos: o esforço dos Horácios, a castidade das Lucrecias, a integridade dos Brutos e Catoes, o patriotismo dos Fabios e Scevolus, a magnanimidade dos Scipões, a eloquencia dos Ciceros, o saber dos Plinios, a liberalidade dos Augustos, a grandeza dos Trajanos, a humanidade dos Titos.

Não vai extasiar-se exclusivamente deante das ruinas, sepulchros e templos derrocados, restos d'essa architectura grande e magestosa, soberba e varonil dos edificios latinos.

Não vai prantear a grandeza decalada dos antigos romanos: a eloquencia de Marco Antonio, a lyra de Virgilio e Horacio, os grandes generaes, as invenciveis tropas da triumpante republica.

O sr. Martins Capella fez parte da deputação que em 1877 foi a Roma solemnizar o quinquagesimo anniversario do episcopado do Summo Pontífice Pio IX.

Essa deputação, presidida pelo sr. Patriarcha de Lisboa, foi levar aos pés do Vigario de Jesus Christo na terra a expressão dos sentimentos de obediencia, amor filial e admiração que todos lhe devem.

Depois d'isto, fica conhecido o espirito da peregrinação do sr. Martins Capella á cidade eterna, de que elle faz a descripção no livro de que nos occupamos.

A obra forma um bello volume de 232 paginas, e é editada pelo sr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, zeloso propagador de excellentes livros religiosos.

O illustrado auctor, um dos colaboradores do *Progresso Catholico* conta ligeiramente, mas n'uma linguagem clara e natural, tudo o que presenciou na sua viagem de Portugal a Roma. Consta o livro dos capitulos seguintes, que são intitulados:

O passo da porta—Partida—Por Hespanha—Em França—Por mar e por terra—No Transtevere—Despedida—Atravez de Italia—Regresso.

E' tudo interessante no livro do sr. Capella, sobretudo a recepção do Santo Padre aos peregrinos portuguezes. S. Em.^o o Cardeal Patriarcha leu uma felicitação a que respondeu Sua Santidade.

São notaveis as seguintes palavras de Pio IX:

«Reconheço com o meu veneravel irmão Cardeal Patriarcha de Lisboa as bellas qualidades do povo portuguez, que ainda bem merece o glorioso titulo de fidelissimo, que mereceram em outro tem-

po seus reis. Não ignoro que ha grandes difficuldades a vencer para serem livres nos santos deveres de christãos; mas Deus é conosco, sustenta-nos e protege-nos; pertence-nos fazer da nossa parte tudo o que possamos para obter o triumpho da Egreja. Oh! prouvera aos céos que estes obstaculos não existissem!

«Tendes um terrivel e poderoso inimigo—é a impetuosa maçonaria, que quer destruir em vos todos os vestigios do catholicismo.

«Continuae a mostrar-vos firmes e constantes; recordae-vos que os soberanos de Portugal fizeram tudo o que puderam para sustentar, defender e dilatar a religião catholica.

«Tendes em Lisboa uma grande egreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, junto da qual se encontra um grande estabelecimento de caridade. Esta egreja e este estabelecimento, fundados pela rainha D. Maria I, attestam a magnificencia catholica da casa de Bragança.

«Ah! os tempos estão talvez mudados e os soberanos não teem já hoje força nem vigor: são as primeiras victimas dos systemas actuaes de governo; porque elles reinam mas não governam. Eis aqui porque ha no mundo tantos males e desordens».

É digno de ser lido o livro do sr. Martins Capella, e não podemos deixar de o recommendar.

Critica á Critica

Pelo Padre Senna Freitas

Eis aqui o titulo d'um livro, sahido do prelo haverá um anno, e que é, ainda que alguém o não julgue, um dos livros mais importantes que teem visto a luz da publicidade em Portugal.

É de todos bem conhecido o pedantesco atrevimento com que um Guilherme Dias, se barbeou para responder á notavel *Instrucção Pastoral*, do Ex.^o Bispo do Porto contra o protestantismo. Mas o que nem todos saberão e que de em meio dos arruaes do catholicismo sahio um dos mais aguerridos campeões com firme proposito de fazer pedaços os toscos aranzéis do padre apostata.

E em pedaços os fez, porque á rija tempera das armas que veste o Padre Senna Freitas ninguém resiste, quanto mais... Guilherme Dias!

São 122 paginas que todos os catholicos devem ler, porque constituem o mais bem trabalhado pelourinho a que se pode amarrar um padre fugido ao campo catholico para as enerzilhadas onde despedem pedradas os guerrilhas do protestantismo. Acresce ainda a importancia que tem o livro o fim a que é destinado o seu producto:—á sustentação das escholhas catholicas.

Esperamos, pois, que não haverá um só dos leitores do *Progresso Catholico*, que deixe de concorrer para duas obras de misericordia: Castigar os que erram, e ensinar os ignorantes.

Correi todos a comprar o livro em

questão, que tereis horas de formosa e santa leitura, e daes 120 réis, que tanto custa o livro, para a sustentar as escholâs onde se ensina a verdade catholica aos pobresinhos.

Flores do exilio

Por Narciso Braga

Sob este titulo fomos mimoseados com um formoso livro de versos, impressos em Braga e dados á luz pelo sr. Narciso Braga, que não conhecemos, o que sentimos, mas em quem reconhecemos o talento d'um verdadeiro poeta; porque verdadeiro poeta é todo aquelle escriptor que sabe livrar os seus versos da lama pestilencial que tapeta o chão dos bordéis.

As flores que o novo poeta offeria a sua irmã são, como elle diz no Prologo nos primeiros adejos da avesinha innocente, quando se balouça e espanja no galho da laranjeira, para estrear os seus primeiros canticos.

Se a avesinha innocente com os seus primeiros cantos tanto nos dilicia, tanto nos arrebate, quanto não ha a espera do autor das *Flores do exilio*?

D'aqui agradeceremos ao cavalheiro a quem devemos a offerta, e enviamos um aperto de mão ao mavioso cantor, que nos deu um livro de versos, que jámais nos cansaremos de ler.

Aos leitores do *Progresso Catholico* recommendamos este tão precioso livro, cujo preço não excede a 500 réis e que será enviado franco de porte a quem o pedir á administração d'este jornal.

RETROSPECIO DA QUINZENA

Finou-se não ha muito em terra estrangeira uma dama portugueza, neta de reis por sua mãe, e descendente de alta nobreza pelo lado paterno, mas que reunia a todos estes dons, que lhe dera o nascimento, um dos crimes mais nefastos que pôde praticar uma mulher em Portugal.

A ex.^{ma} sr.^a D. Anna de Mendonça, filha da sr.^a infanta D. Anna de Jesus Maria, e do 1.^o duque de Loulé, o neta do rei fidelissimo D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, morreu em Pariz no convento da Visitação, porque commettera o crime atroz, altamente espantoso de se fazer freira e professar n'uma ordem religiosa!!

Não podia a formosa vergonteia das casas do Bragança e Loulé, depois de haver *enlameado* com um tal proceder, os braços de tão distinctas familias, permanecer em Portugal, onde é crime ser freira!

E não podia! A sobrinha do principe que, em nome da liberdade, decretou a extincção das ordens religiosas, e a filha do ministro que decretou a expulsão das irmãs da caridade, não podia viver em terras portuguezas, desde que se consagrara á vida religiosa!

A mulher que descendia dos principes que levaram a fé e a civilização christã aos mais afastados recantos do mundo; a mulher, que contava na extensa linha de seus antepassados um sem numero de santas e religiosas distinctas, se quiz seguir os impulsos de seu nobre coração, se quiz ornar a fronte com a touca das desposadas de Jesus teve de dizer um adeus á patria e á familia, e ir bater á porta d'um convento de França, porque só longe da patria lhe era dado envergar o habito.

Que a alma da finada, lá no céo onde de certo habita, peça ao Senhor que perdoe ao thio o mal que fez a Portugal em quanto foi instrumento de maçonaria e ao pae o não pequeno mal que tambem fez enquanto empunhou o malheto do grã mestrado, e so não esqueça tambem de nós, que de aqui lho offertamos nossas orações.

Na folha official do governo do rei Humberto, sahio ha dias publicado o programma para o concurso a que são chamados todos os artistas italianos e estrangeiros, que quizerem apresentar um projecto para um monumento, que se pretende erigir em Roma a Victor Manoel, e com o qual se gastarão até nove milhões de francos.

E' o maior insulto que se pôde fazer a Roma e ao mundo catholico, o elevar se em meio da cidade dos Papas, um monumento ao homem que se apassou d'aquella cidade á força das bayonetas! E' o cynismo da revolução guindado ao mais alto grau!

E' a maior das patifarias que so tem visto em pleno seculo 19!

Mas deixal-os. As estatuas com que os revolucionarios portendem eternisar suas obras, seus crimes, não tardarão a ser tombadas de seus pedestaes por aquelles mesmos que as ergueram. A coberto dos arminhos que vestem a realza despotica e athea, teem os tiranetes da revolução dirigido seus tiros contra as mais venerandas instituições da humanidade; mas um dia esses arminhos serão feitos pedaços e as cabeças dos reis rolarão no chão do patibulo, dissipadas por esses mesmos que acobertaram. Porque um dia a revolução não terá ne-

cessidades dos reis, e por isso estos serão as primeiras victimas.

E então o Papa, o unico monarcha que se não mesclou com a revolução, será tambem o unico que apparecerá em meio do naufragio universal; será o piloto que conduzirá á paz universal a sociedade por tanto tempo presa da revolução.

Telegrammas recebidos de Roma, dizem á ultima hora que estava redigido um documento pelo qual S. Santidade protesta contra a applicação dos decretos contra as ordens religiosas em França, e que se julgava certa a retirada do Nuncio de Paris.

Que nos dirão agora os jornaes da liberalengua, que affirmavam, que o Santo Padre se não opporia ao cumprimento das leis tyrannicas do governo republicano francez?

Que nos dá agora um jornal portuense que se arrogava o direito de dizer que Leão XIII, não era o intolerante Pio IX?

Esperamos o silencio.

E já que de cousas da França nos occupamos não será de mais dar conhecimento aos nossos leitores do modo como é apreciado o sr. Gambetta, pelo principe de Bismark.

«Eu não sei se M. Gambetta pode vir a ser presidente do conselho, mas do que estou persuadido é de que elle não quer accoitar esse posto; aspira ao de tribuno popular ou ao de presidente da republica. Uma vez chegado o poder supremo, levaria a uma queda imminente, senão a França, pelo menos a Republica. M. Gambetta tem a iniciativa de phrases que deslumbram mas não de idéas que exaltam. Sabe accender o fogo, mas não sabe alimental-o. Não será depois d'elle que virá o diluvio; será elle proprio a personificação d'esse diluvio, quando tiver um poder illimitado... A França que vá construindo antecipadamente a arca a fim de salvar os seus bens mais preciosos»

Estamos com o notavel estadista, e por vezes temos dito que Gambetta e todos os *gambetteiros* farão desaparecer a França do mappa da Europa, se uma mão vigorosa não hasteia a cruz em meio a nação christianissima.

Os jornaes da Madeira trazem-nos a agradável noticia da missão que os rev.^{os} padres Ernesto Schantz e Thomaz Vitale toem feito n'aquella ilha

em meio do enthusiasmo religioso d'aquelle povo.

«Somos informados, diz o nosso esclarecido collega da *Verdade*, fallando d'esta missão, do que é um quadro grandioso e ao mesmo tempo commovedor o da despedida dos reverendos padres. O povo corre pressuroso como para a missão, e por mais que os sacerdotes queiram fugir-lhe, não o conseguem, porque os acompanham ao som de canticos religiosos até á proxima freguezia, onde os introduzem na egreja como em triumpho. E' uma verdadeira marcha triumphal, e quanto mais bella, e quanto mais proveitosa do que as que se fazem apúz a victoria que custou á humanidade milhares de vidas, aos povos milhões de sacrificios, ás familias rios de lagrimas!

Louvores sejam dados ao Deus de misericordia que nos envia estas occasiões de nos purificarmos de nossas numerosas faltas e de levantar para o ceu o pensamento que anda sempre tão preso á terra.

Louvores a Deus, dizemos nós tambem com o nosso collega.

A ausencia de escriptos, firmados pelo redactor principal, das columnas do *Progresso Catholico* fazia-nos antever que alguma obra grandiosa occupava o espirito do incançavel trabalhador. E não nos enganavamos. Ao ler nos jornaes que em Penafiel se tratava de organizar a Conferencia de S. Vicente de Paulo, encontramos o nome do Padre Senna Freitas como iniciador de tal reunião.

E lá está formada a conferencia!

Já vêm os leitores do *Progresso Catholico*, que, quando o nome do Padre Senna Freitas se não veja no fundo de algum artigo, é que outros negocios lhe preoccupam o espirito, é que a sua mente se esquece das columnas do periodico, que deixa vazio, para se occupar dos desgraçados. Não lhe levemos a mal.

Os nossos emboras aos penafidolenses!

Continuam as devotas peregrinações do povo de Braga ao monte Samouiro, onde a sua piedade erguera o mais bello monumento, que este seculo tem visto clavar-se em honra da Virgem Immaculada.

Em meio da fria descrença da epoca, do estulto materialismo que por ali campea, uma tal devoção, é digna de admiração de todos os catholicos.

Agora é o commercio da cidade Au-

gusta que prepara uma peregrinação para o dia 21 do corrente, ao mesmo tempo que abre uma subscrição entre só para offerter á Santissima Virgem um calix, galhetas, thuribulo e naveta de prata, mandado gravar em todos estes objectos a seguinte legenda:

DO COMMERCIO DE BRAGA

Eis o nome dos commerciantes bragarenses que formam a commissão, que tanto os honra: João Baptista Gomes Ferreira, João Henrique Pereira Pinheiro, José Candido Pereira Pinheiro, José Antonio da Silva Lomar, Manoel Gomes Rocha Graça, Antonio José Rodrigues Ribeiro, José Fernandes Carneiro Braga.

Os nossos parabens aos catholicos membros da commissão, a quem pedimos não percam tão nobres sentimentos para que continuem a destacar-se entre a mór parte dos commerciantes de muitas terras do paiz, que têm por deus o metal que corre no baleão, unico digno de suas adorações.

Abriam-se as portas do primeiro estabelecimento scientifico do paiz, com as solemnidades prescriptas nos estatutos do mesmo estabelecimento.

Pelas 11 horas da manhã principiou a missa e ao Evangelho, subiu ao pulpito o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. dr. Antonio Sebastião Valente, uma das illustrações da nossa Universidade.

Eis como o nosso collega da *Ordem* nos dá noticia do brilhante sermão a que nos referimos:

«Tomou elle por thema principalmente demonstrar que entre a *Razão* e a *Fé* não ha, nem pôde haver antinomia, e em segundo lugar que a Egreja não é inimiga do progresso verdadeiro, antes sua principal fatora e protectora, que não odeia os processos e methodos scientificos, antes os aperfeiçoa, e á custa d'elles tem dilatado o vasto campo da sciencia, a cuja arena chama desassomburada todos os inimigos leaes. Que por tanto, baldados eram os empenhos e esforços da incredulidade, tentando alienar os espiritos do grão da Egreja catholica. «Ella, que resistiu ás fogueiras e tormentos dos imperadores pagãos, exclamava o orador com aquelle acento de enthusiasmo e profunda convicção de suas crengas catholicas, que sobreviveu aos assaltos da Encyclopediá, ás hecatombes e horrores da Convenção franceza, ha de tambem resistir e sobreviver ás perseguições e ataques

do moderno philosophismo e da stulta incredulidade de nossos dias.» E depois abria as paginas da historia, onde lia, a largos traços, a vida de martyrio e de glorias da Egreja Catholica, apontando para alguns nomes illustres de seus filhos, verdadeiros soes no campo da sciencia.

Depois apontou para as tradições catholicas da nossa Universidade, que, em outros tempos, tanto lustre alcançou, e que mal avisados andavam aquelles que, julgando o juramento uma coisa ephemera, tentavam desvirtuar-lhe sua honrosa memoria, faltando á palavra e compromisso de homens honrados.

Era bello e consolador ouvir aquella voz, alli, n'aquelle logar da verdade, dar livre curso ás puras crengas catholicas, tomar na mão, com a energia que dá uma convicção profunda e uma sciencia solida, a defeza da Egreja, que só teme a ignorancia, e appellar, armado da razão e da historia, para a illustração de tão luzido auditorio, que attento e respeitoso seguia com soffreguidão o apostolico orador.

Se até pelas pessoas podessomos argumentar, diziamos: «A Religião Catholica é aquillo».

Desnecessario será dizer que, ainda mesmo dizendo a verdade sem rodeios, coeseguiu agradar a todos. Prouvéra a Deus que muitas vezes alli se fizesse ouvir a voz de tão sympathico orador, cuja humildade estamos bem certos não será facil em perdoar-nos esta expansão de nosso enthusiasmo e sympathia».

D'aqui enviamos mil parabens ao illustrado lente de theologia.

Até hoje nada! Por mais que desejamos sabor alguma noticia da estada dos jesuitas que invadiram o paiz, que compraram palacios, que fundaram collegios, nada nos têm dito os nossos collegas liberaes.

Vamos pedir-lhes um favor, collegas, não nos deixem só com a noticia da entrada dos jesuitas, digam-nos tambem como elles se vão dando na *occidental praia luzitana*.

J de Freitas